

AUTO-RETRATOS

ALICE VIEIRA

Primeira paixão



ALICE VIEIRA

Lisboa, 1943

Rosa, Minha irmã Rosa (79), *Chocolate à Chuva* (82), *As Dez a Porta Fechada* (88), *Os Olhos de Ana Marta* (90), *Cademo de Agosto* (95).

Literatura Infantil do Ano Internacional da Criança (79), *Auswahlste Deutscher Jugendliteraturpreis* (Alemanha, 92), para Crianças pela Fundação Gulbenkian (94).

Deram-me uma máquina de escrever quando eu fiz sete anos. Foi a primeira paixão da minha vida. Nela aprendi a juntar as palavras, a formar frases com algum sentido, tudo embalado na música das teclas sob os meus dedos e daquele pequeno toque de campainha que avisava ter a linha chegado ao fim. Aos vinte anos entrei pela primeira vez na redacção de um jornal. Foi a segunda paixão da minha vida. As máquinas na tipografia eram muito velhas, cheirava ainda a chumbo, as provas tinham de ir à comissão de censura. Eram tempos antigos. Mas nesses tempos se foi formando a escrita que um dia viria a ser a minha.

Comecei tarde essa aventura da escrita de livros. Talvez porque durante muitos anos a paixão pela efémera escrita de jornais me absorvesse o tempo todo. Quem é jornalista a tempo inteiro dificilmente se consegue desligar da profissão. Mas também quem é jornalista sente muitas vezes a tentação de um dia ter tempo para escrever alguma coisa que resista para lá da manhã seguinte, que dure um pouco mais do que as poucas horas da leitura das páginas de um jornal diário. Mas esse dia vai

sendo sempre adiado. Às vezes nunca chega. Mas um dia eu estava de férias e os meus filhos também. Muitas vezes eles tinham já pedido que escrevesse uma história para eles. Diziam — imagine-se! — que não tinham nada para ler. Garantiam, com a certeza dos seus dez anos, que já tinham lido tudo o que havia para ler. Fazia muito calor, não apetecia sair, a mesa da casa de jantar era grande, às vezes até servia para nela se jogar pingue-pongue. Sentámo-nos os três à sua volta — e durante vinte dias conversámos, rimos muito, contámo-nos mutuamente muitas histórias, e eu ia escrevendo, e eles iam comentando, e modificando, e sentindo-se donos da história que crescia diante dos seus olhos.

Ao fim desses vinte dias a história estava pronta. Chamámo-lhe «Rosa, Minha irmã Rosa» — e foi o começo de tudo, já lá vão quase vinte anos. Comecei com um romance juvenil e é aí que me sinto melhor. Comecei com uma história baseada em factos reais — e a realidade dos nossos tempos continua a ser, para mim, a matéria privilegiada. Talvez por deformação profissional, até porque ainda hoje, afastada que estou do jornalismo a tempo inteiro há cerca de sete anos, eu ainda me considere uma jornalista que escreve romances. Os jovens pro-

tagonistas dos meus romances vivem na grande cidade, encaixados em bairros-dormitórios onde ninguém se conhece, estudam em escolas superlotadas, enfrentam problemas familiares, habitam um tempo de constantes mudanças e instabilidades. Os jovens protagonistas dos meus romances são, no fundo, o retrato de muitos jovens que encontro nas minhas idas a escolas (faço uma média de 80 escolas por ano lectivo, o que quer dizer que passo praticamente a vida em autocarros, camionetas, comboios, etc...) e que me escrevem, e que se apropriam das personagens de quem se sentem próximas.

De vez em quando deixo-me deslumbrar pelo maravilhoso e lá vou reescrevendo histórias da nossa tradição popular, tantas vezes esquecidas ou dispersas. Mas depressa regresso à imensa aventura do quotidiano — em histórias donde procuro sempre afastar moralismos, preconceitos, ideias feitas.

No fundo, e utilizando a sabedoria das palavras de Einstein, «eu não lhes quero ensinar nada, mas apenas dar-lhes os instrumentos para que possam aprender por si próprios». Ou seja, colocar os leitores diante de histórias onde não há pessoas perfeitas nem vinhas de condão, e onde cada um tem de contar sobretudo com as suas próprias capacidades e a força das suas mãos e da sua inteligência.

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES

Descontinuidade(s)



LUÍS F. CASTRO MENDES

Idanha-a-Nova, 1950

Seis Elegias e Outros Poemas (85), *A Ilha dos Mortos* (91), *Correspondência Secreta* (95).

Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto (85) e Pen Club (91).

Nasci em 1950 em Idanha-a-Nova, pequena vila da Beira Interior onde meu pai era delegado do procurador da República. Enquanto magistrado, meu pai teve que mudar frequentemente de residência, levando consigo a família, o que me habituou desde criança a uma vida errante e à necessidade de me adaptar constantemente a novos ambientes e lugares. Sendo a minha própria profissão diplomata, posso dizer que a continuidade da minha vida foi feita dessa permanente descontinuidade de situações, que se tornou para mim tão natural como respirar.

Comecei a escrever poesia com 13 anos e a publicá-la com 15, num suplemento para jovens que existia no extinto *Diário de Lisboa*. Nele se publicavam as «revelações» dos poetas adolescentes, com conselhos de encorajamento aos jovens autores (existe hoje uma página semelhante no *Diário de Notícias*). Deixei, porém, de escrever poesia ao entrar na universidade e isso coincidiu com um grande empenhamento nas lutas estudantis, na contestação do regime político derrubado em 1974 e da guerra colonial que esse regime sustentava em África. A revolução de 1974

acentuou, como não poderia deixar de ser, o empenhamento político na minha vida. Trabalhei com o coronel Melo Antunes, um *capitão de Abril* com quem muito aprendi, e estive, com Jorge Sampaio, no grupo Intervenção Socialista, que poucos anos depois da revolução se veio a integrar no Partido Socialista. Mas a minha militância política activa terminou em 1977. Tendo seguido a carreira diplomática, as minhas funções não me inibem, obviamente, de ter ideias políticas e de manter as amizades e lealdades de toda uma vida: mas, pela natureza das coisas, impedem-me de assumir qualquer função ou ter qualquer actividade de carácter político-partidário.

Curiosamente, só voltei a escrever poesia depois de ter abandonado a actividade política. Não quer dizer que sinta qualquer incompatibilidade entre estas duas actividades: apenas quer dizer que fui um poeta tardio. Comecei a publicar em livro com quase quarenta anos (*Com quase quarenta anos mal começa / ovo de tanta coisa o coração*, Vitorino Nemésio), mas o primeiro livro meu que considero relevante, *A Ilha dos Mortos*, data de 1991.

A Ilha dos Mortos é o livro de um luto e de um apelo. Há nele um destinatário ausente na

Morte (a figura da perda) e um destinatário ausente na fragilidade de uma linha telefónica (a figura da distância). E é entre estas duas ausências que o livro se tece, a caminho do *canto de amor* em que culmina e no qual o nome da dedicatória fecha no horizonte dos possíveis esse «tu» precário e inacessível para que aponta toda a Poesia.

Não sei falar mais da minha poesia. Escrevi também uma tentativa de ficção, a que gostaria de chamar romance: *Correspondência Secreta*. Nele através dos monólogos fictícios de diferentes personagens históricos reais, inventa-se uma trama entre *estrangeirados* (iluministas exilados) portugueses do século XVIII, com lances de amor, poesia e intriga política. Foi um livro que me deu imenso prazer e trabalho a fazer. Por essa memória paradoxal, guardo-lhe um grande afecto.

Não falarei mais do que escrevi, outros que digam. Do que vivi, é cedo para falar. Se quiserem saber mais, leiam-me, por favor.